

A Funarte volta a ter poder

Beneficiada no projeto de reestruturação do MinC, a instituição se prepara para recuperar prestígio na gestão de Antônio Grassi

ANA CECILIA MARTINS

Antônio Grassi chegou à presidência da Funarte no governo Lula. Ao entrar pela primeira vez no Palácio Gustavo Capanema, sede da instituição, no Centro do Rio, o ator mineiro notou que todos os relógios do lugar estavam parados. A imagem serviu para Grassi – secretário estadual de Cultura do Rio durante a curta gestão de Benedita da Silva, ano passado – como ilustração do estado da fundação, criada em 1975 pelo governo federal e que desempenhou papel fundamental como propagadora de cultura nas décadas de 70 e 80. Os quatro anos ao longo dos quais ficou fechada, de 1990 a 1994, por decisão do então presidente Collor, marcaram o começo de um processo de irrefreável enfraquecimento. Quadro de funcionários reduzido a metade, falta de estrutura e de projetos sólidos e verba apertada compõem hoje o cenário da Funarte. Para resgatar o vigor da instituição, devolvendo-lhe o poder de ação que a faz ser na prática o que é no nome, Fundação Nacional de Artes, Antônio Grassi, 49 anos, estendeu seu gabinete até Brasília e se empenhou na elaboração do projeto que extingue as secretarias temáticas ligadas ao Ministério da Cultura.

– Qual a situação da Funarte?

– Durante a transição do governo, já tínhamos detectado que houve um esvaziamento enorme da Funarte. Essa situação ficou flagrante com a reestruturação do Ministério da Cultura (durante o governo de Fernando Henrique Cardoso), que criou as secretarias temáticas. O que acontece então é que existe o departamento de artes cênicas na Funarte e uma secretaria de artes cênicas ligada ao MinC, e isso se repete em outras áreas, causando um sombreamento na nossa ação.

– Qual a estrutura da instituição hoje?

– O quadro original de funcionários da Funarte chegava a quase 700 servidores na década de 80. Hoje, esse número se resume a pouco mais de 300, menos da metade. As terceirizações estão proibidas e não há renovação de pessoal, o que faz com que a faixa etária dos funcionários seja elevadíssima. É um quadro grave. Além disso, temos um orçamento, herdado, de R\$ 28 milhões, dos quais R\$ 15 milhões são destinados a pagamento de pessoal e manutenção.

– Existe então uma vontade de resgatar o vigor da Funarte? Como isso será feito?

– Queremos resgatar o seu poder criativo da década de 80, quando era pioneira em diversas áreas da cultura e este é um desafio grande.

'A Funarte é um braço executivo do MinC, não um apêndice'

departamento de programas integrados, que inclui centro de documentação e publicação.

– O apoio ao projeto é unânime?

– A reestruturação do MinC faz parte do documento de transição do governo Lula, que percebeu, através de uma série de diagnósticos, que o Ministério da Cultura virou um balcão de leis de incentivo. Nesse primeiro semestre, nos dedicamos à formulação dessa proposta, que ganhou agora um formato e que deve ser publicada ainda esta semana. Ela já está aceita. Mas, obedecendo à determinação do Ministério de Planejamento de não fazer alteração de cargos

Quando cheguei aqui, assustou-me a forma como a Funarte é desquitada do Ministério da Cultura. É preciso, portanto, que se resgate essa comunhão original e a noção de que a Funarte é um braço executivo do MinC, não um apêndice.

– É possível recuperar o vigor da Funarte com a existência dessas secretarias temáticas?

– Não. O vigor da Funarte se estabelece também com a extinção das secretarias. Acho que são incompatíveis. Até porque é desperdício de energia e de recursos essas duas frentes atuando nas mesmas direções.

– Que projeto existe nesse sentido?

– Estamos trabalhando agora na proposta da reestruturação do ministério, que já foi enviada à Casa Civil. Essa proposta extingue as secretarias temáticas, incluindo a de artes cênicas e

música, a de patrimônio, museus e artes plásticas e a do livro. No caso do audiovisual, cria-se uma superintendência que ficará ligada ao MinC e onde será alocada a Ancine. As outras áreas, então, passam para a responsabilidade da Funarte, que terá seu núcleo de música separado das artes cênicas, e um só para as artes visuais, englobando artes plásticas e fotografia, além de um



Pioneira nos anos 70 e 80

■ **Projeto Pixinguinha:** shows de música popular viajavam pelo Brasil, reunindo gênios como Cartola e talentos que despontavam como João Bosco e Nana Caymmi.

■ **Salas da Funarte:** Programação rica nos espaços de São Paulo, Rio e Brasília, com nomes emergentes como Elba Ramalho e Leila Pinheiro.

■ **Bienal de Música Contemporânea:** desde 1975 programa série de concertos de música erudita.

■ **Projeto Bandas:** apoio a bandas do interior do país.

■ **Projeto Macunaíma:** em galeria no MNBA, abrigava projetos de artes plásticas de novos artistas.

■ **Salão Nacional de Artes Plásticas:** evento que reunia trabalhos de artistas de todo o país.

■ **Instituto Nacional de Fotografia:** departamento que fomentou a produção, documentação e exposições fotográficas.

■ **Centro de Conservação e Preservação Fotográfica:** criado em 1985 como parte do Programa Nacional de Preservação e Pesquisa da Fotografia da Funarte. Sobrevive com dificuldades.

■ **Núcleo de Estudos e Pesquisas da Funarte:** coordenado pelo professor Adauto Novaes, o departamento produzia, entre outros projetos, debates e publicações.

■ **Edição de livros:** publicações importantes como *Coleção ABC de arte, Abstracionismo geométrico e informal*, de Fernando Cocchiarale e Anna Bella Geiger, *A fotografia no Brasil: 1840-1900*, de Gilberto Ferrez.

de DAS (Direção e Assessoramento Superior), vamos operar essa reestrutura em dois momentos: primeiro, contando com uma estrutura mínima, para, depois, ampliarmos as mudanças.

– A atuação da Funarte será então bem mais abrangente. Por isso foi criado um gabinete da presidência da instituição em Brasília?

– Estendi o gabinete para Brasília para poder fazer esse trabalho de integração com o Ministério da Cultura, pois existem questões que precisam transitar entre o MinC e a Funarte.

– E para onde irão os funcionários das secretarias temáticas de Brasília?

– Vai ser criado um departamento de fomento para onde a área ligada às leis de incentivo será encaminhada. As outras pessoas migram para as três novas secretarias que serão criadas: formulação, execução e articulação de projetos.

– Quais os projetos de ação da Funarte previstos para breve?

– Vamos rever os que já estavam em andamento. O trabalho de recuperação e digitalização das partituras de Carlos Gomes, a reedição de livros do nosso catálogo, edição de outros que já estavam programados, como as críticas teatrais de Yan Michalski, publicadas no *Jornal do Brasil*. Também programamos dar continuidade ao projeto Pixinguinha. O Centro Técnico de Artes Cênicas e o Centro de Conservação e Preserva-

ção Fotográfica precisam ganhar mais subsídios. Em uma primeira instância, estamos querendo atuar como instrumento catalizador das classes artísticas, organizando encontros, fóruns e debates e fortalecer as coordenações regionais da Funarte, ampliando-as para Norte, Nordeste e Sul é meta fundamental.

– Existe algum diagnóstico que aponte carência maior em alguma das áreas em que a Funarte atua?

– De modo geral, todos os departamentos estão esvaziados, embora tenha havido uma priorização na área das publicações, que se manteve consistente durante os últimos anos. Acredito que os setores da música e das artes plásticas sejam os mais desprestigiados.

– E os equipamentos da Funarte?

– Estamos reformando nossos equipamentos, como o Teatro Cacilda Becker, que será dedicado à dança, o Glauce Rocha, que está com programação mesmo em obras, a Casa Paschoal Carlos Magno, que hospeda grupos de fora, em Santa Teresa, e a Escola Nacional de Circo, que está recebendo investimento de equipamentos. Os equipamentos em Brasília e São Paulo também estão sendo reformados. Mas é sempre bom lembrar que a Funarte precisa ser propagadora da cultura nacional.